

Notícia das escavações arqueológicas realizadas em 1999 no sítio pré-histórico da Quinta da Bicuda (Torre, Cascais)

António Faustino Carvalho*

Resumo A Quinta da Bicuda é uma estação arqueológica de cronologia epipaleolítica ou, talvez mais provavelmente, magdalenense localizada não longe do litoral de Cascais. Conhecida desde inícios da década de 1970, foi escavada preventivamente em 1999. Neste trabalho apresentam-se as observações de terreno então realizadas (extensão do sítio, estratigrafia, etc.) e uma apreciação geral da indústria lítica.

Abstract Quinta da Bicuda, located not far from the coast of Cascais, is an archaeological site dated to the Epipalaeolithic or, more likely, to the Magdalenian. It was discovered in the beginning of the 1970's and was subjected to a salvage excavation in 1999. In this paper field observations (site limits, stratigraphy, etc.) and a general evaluation of the lithic assemblage are presented.

1. Localização e historial do sítio arqueológico

O sítio pré-histórico da Quinta da Bicuda, situado administrativamente na freguesia e concelho de Cascais, localiza-se a norte da Torre, junto à estrada que une aquela povoação a Areia. Em termos de implantação, ocupa o topo de uma suave elevação na parte noroeste de um terreno aplanado, de configuração aproximadamente triangular (Fig. 1) que, aquando dos trabalhos de escavação, se encontrava murado junto àquela estrada, então ainda de terra batida. Este terreno havia sido até recentemente objeto de uma ocupação agrícola de sequeiro que ocorria a par da exploração de pequenas hortas ao longo de um curso de água sazonal que o corta transversalmente.

Porém, a existência em 1999 de um projeto de urbanização para este local, afetando o sítio arqueológico, conduziu a uma escavação preventiva custeada pelo promotor do projeto, a empresa A. Coimbra & Lopes, Lda. A escavação viria a decorrer entre 22 de fevereiro e 19 de março daquele ano, sob a direção do signatário, terminando com a redação de um parecer autorizando a urbanização sob a condição de os trabalhos que implicassem a remoção de terras fossem sujeitos a acompanhamento arqueológico. O espólio exumado ficou depositado a título definitivo nas instalações do Gabinete de Arqueologia de Cascais (GAC).

Tanto quanto sabemos, a referida urbanização não foi ainda construída. Porém, o alargamento e asfaltamento da estrada de terra batida a que se fez referência acima, que foi levado a cabo pouco tempo depois da escavação arqueológica, resultou no aterro de parte da área que fora objeto de escavação. No entanto, a abertura original desta estrada em data incerta e um primeiro alargamento da mesma há poucas dezenas de anos terão sido os fatores responsáveis pela destruição mais significativa do sítio arqueológico. A julgar pela dispersão dos materiais de superfície observável em 1999 e pela análise atenta dos cortes então existentes ao longo daquela estrada, a estação arqueológica terá então sido afetada em cerca de um terço da sua extensão original.

A sua descoberta remonta a 1973, ano em que G. Cardoso levava a cabo prospeções arqueológicas no concelho de Cascais, tendo então sido



designada por *Torre-Noroeste*. Datam portanto desta altura as primeiras recolhas de superfície, encontrando-se os respetivos materiais depositados nas instalações do GAC. A primeira referência a este sítio ocorrerá depois, em 1991, com a publicação da Carta Arqueológica de Cascais, onde figura sob o n.º 63 (Cardoso, 1991, pp. 52–53 e fig. 23). Em 1996, aqueles materiais de superfície, somados a outros recolhidos em várias visitas ao local realizadas anteriormente pelo signatário, foram objeto de publicação detalhada nas páginas do Arquivo de Cascais e então atribuídos ao Epipaleolítico (Carvalho, 1996). Neste trabalho produziu-se também uma primeira avaliação da extensão da jazida e uma caracterização preliminar das condições de dispersão dos achados, ressaltando-se todavia a necessidade de realização de escavações para atestar em definitivo estas observações.

2. As escavações de 1999: estratégia, estratigrafia e reconhecimento do nível arqueológico

As escavações estiveram subordinadas, num primeiro momento, ao duplo objetivo acima mencionado: a determinação da extensão da jazida e do seu ponto central, isto é, a área de maior concentração de materiais.

Assim, a determinação dos limites da ocupação pré-histórica foi tentada através da abertura de sondagens de 1 m² a intervalos regulares (1 em cada 6 m) orientadas em função da disper-

Fig. 1 – Imagem aérea da parcela de terreno obtida aquando dos trabalhos arqueológicos, notando-se a área em curso de escavação, destacada no canto superior direito. Fonte: ortofotomapa de 1999 retirado do website da Câmara Municipal de Cascais < <http://sig.cm-cascais.pt/sig/html/index1280.asp> >.

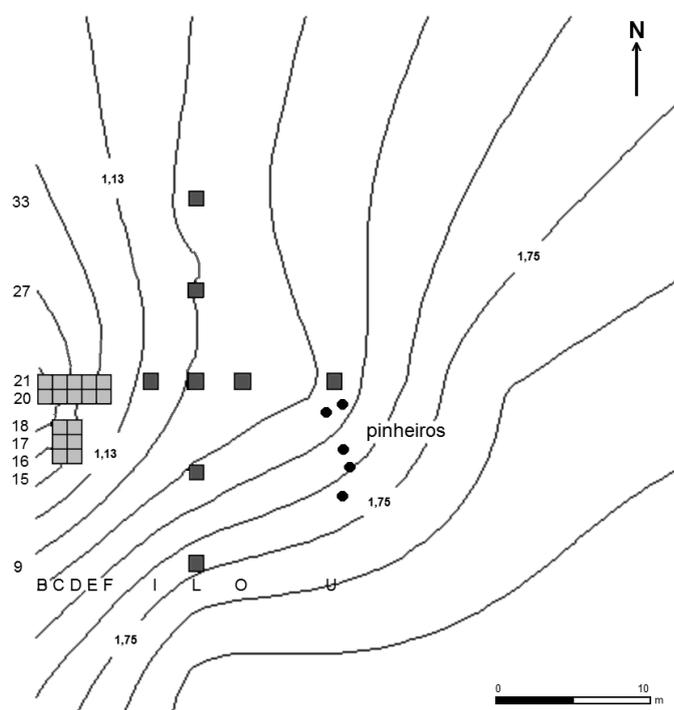


Fig. 2 - Planta topográfica da escavação, com indicação dos quadrados referentes às sondagens iniciais para determinação dos limites da ocupação pré-histórica (a cinza-escuro) e à escavação do núcleo central da jazida (a cinza-claro). O levantamento topográfico contou com a colaboração de Guilherme Cardoso.

são superficial dos artefactos. Estas sondagens seguiram assim dois eixos: um de orientação norte-sul (quadrados L9, L15, L21 e L33) e outro de orientação este-oeste, cruzando o primeiro (quadrados I21, O21 e U21), como se pode observar na planta topográfica da Fig. 2. Simultaneamente a esta ação, as condições de jazida do local foram avaliadas através da sondagem de uma área de 2 m² (quadrados C-D/20-21) implantada no ponto de (pelo menos aparente) mais densa concentração de artefactos pré-históricos, que se situava junto ao mencionado muro de divisão de propriedade.

A escavação propriamente dita assentou na remoção de níveis artificiais de 5 ou 10 cm de espessura, definidos em função das camadas naturais. As chuvas intensas que acompanharam a realização destes trabalhos saturaram a terra de água, impedindo a sua crivagem sistemática, pelo que a escavação teve de ser cuidadosamente realizada a colherim. Ainda assim, foi possível reunir um conjunto de pedra lascada na ordem dos milhares de peças, incluindo numerosos artefactos de muito pequenas dimensões (esquírolas, lamelas, etc.), pelo que aquela limitação não deverá ter conduzido a distorções significativas de amostragem lítica.

Estas duas ações permitiram reconhecer que a parte melhor conservada da ocupação pré-

-histórica se concentrava aproximadamente no perímetro definido pelo referido muro e pelas fiadas 13 (a sul), 26 (a norte) e G (a este), isto é, no topo da elevação que o terreno aqui apresenta (Fig. 2). A parte da jazida localizada no lado contrário do caminho, ocupada por um pinhal, não foi intervencionada por não se encontrar afeta ao projeto de urbanização que motivou estes trabalhos arqueológicos.

Os esforços empreendidos num segundo momento foram, assim, consignados à escavação deste perímetro, tendo-se para o efeito procedido ao alargamento da sondagem acima descrita para os quadrados E-F/20-21, B20-21 e C-D/16-18 (Fig. 2). No final dos trabalhos, a área escavada totalizava 24 m², sem contabilizar a limpeza e documentação fotográfica do corte da estrada, numa extensão de cerca de 30 m.

Foi possível concluir que a elevação onde se conserva o contexto arqueológico corresponde a um coluvião arenoso (designado por camada 2) que sobrepõe, ora a uma camada arenosa-vermelha endurecida com elementos ferruginosos (camada 3), ora a um areão compacto esbranquiçado (camada 4), sendo aquela elevação o resultado da disposição em arco da camada 3 que proporciona, desse modo, a retenção do coluvião no seu interior. Este facto está evidenciado pela variação lateral da estratigrafia: o depósito arenoso apresenta 30-40 cm de espessura nas sondagens periféricas, mas atinge o dobro na sua parte central. Deste modo, a dispersão dos materiais observada à superfície é o resultado da conservação diferencial da camada 2 que originalmente os embalava. É possível, portanto, que a área originalmente ocupada fosse maior, tendo a erosão exercida sobre aquela camada arenosa truncado uma porção inestimável do contexto arqueológico, dispersando os artefactos para sul e sudeste.

A estratigrafia observada pode ser descrita, em síntese, da seguinte forma:

- *Camada 1*: Horizonte lavrado, composto por areias de cor castanho-acinzentada clara, com uma espessura oscilando entre os 35 e os 40 cm; apresenta artefactos pré-históricos misturados com materiais contemporâneos resultantes de entulhos recentes.
- *Camada 2*: Depósito de areias de cor rosada ou avermelhada (se humedecida), de espessura

muito variável, podendo apresentar cerca de 80 cm (no centro da escavação) ou ser de todo inexistente (na sua periferia); encontra-se *in situ*, sem sinais de revolvimento por lavras nem por intrusões, registando-se apenas alguma bioturbação (raízes e tocas de coelhos); preserva o nível arqueológico pré-histórico.

▪ **Contacto camada 2-camada 3:** Trata-se de uma fina camada arenosa com 5–10 cm de espessura, de cor bege-acastanhada, que se torna amarelada quando humedecida, e que ocorre apenas sob a forma de pequenas manchas delgadas; contém materiais arqueológicos correspondentes à ocupação registada na camada 2.

▪ **Camada 3:** Camada areno-argilosa, de cor vermelha viva, mais compacta devido à incorporação de numerosos torrões ferruginosos, e formando duras “crostas” de diâmetros variáveis (horizonte pedológico?) e de espessuras indeterminadas por não terem sido escavadas na totalidade, mas que se presume situarem-se em torno dos 10–15 cm. É estéril em termos arqueológicos.

▪ **Camada 4:** Areão de base, de cor branca ou amarelada, muito compacto e arqueologicamente estéril, constituindo-se como o substrato geológico local.

A antropização do local resultou na perturbação pontual desta sequência geral. Assim, para além dos efeitos das lavras, que resultaram na formação da camada 1, regista-se ainda a construção do referido muro de delimitação de propriedade e o despejo de entulhos vários. A construção dos muros foi realizada com blocos de arenito ou calcário, unidos com uma argamassa grosseira obtida com areias locais (procedimento que resultou na inclusão de artefactos líticos na própria argamassa). Para a sua edificação abriram-se valas cujo preenchimento foi facilmente reconhecido pelos sedimentos de cor e compactação distintas. Os entulhos são compostos por material de construção (fragmentos de tijolos e telhas, bocados de paredes em cimento) e lixo doméstico: plásticos, vidros, metais e restos de alimentação, entre os quais se contam conchas de berbigão, amêijoia e vieira. Há ainda a registar a abertura de regos paralelos ao muro para escoamento de águas pluviais, provavelmente quando o terreno era amanhado. À data da escavação encontravam-se já parcialmente colmados.



3. Conclusões

O sítio pré-histórico da Quinta da Bicuda define-se através de um nível de ocupação formado (quase) exclusivamente por indústria lítica em pedra lascada. Com efeito, não se identificaram quaisquer estruturas de habitat conservadas, embora a recolha de alguns termoclastos de seixos de quartzito (num total de quase 1 kg) indique a presença de estruturas de combustão muito desmanteladas, observação que encontra apoio no facto de parte considerável do material talhado apresentar também sinais de exposição ao fogo (estalamentos, superfícies porosas e cores mates). O padrão disperso destes materiais sugere que estas estruturas terão sido destruídas após a ocupação pré-histórica, o que explicará também a inexistência de carvões. Por outro lado, a acidez do solo arenoso impediu a preservação de qualquer outro tipo de matéria orgânica no nível pré-histórico. Assinale-se que foi recolhido um fóssil no topo da camada 2 (quadrado F21), a qual, por consistir num contexto arqueológico preservado,

Fig. 3 - Imagem dos trabalhos de abertura das sondagens ao longo da fiada L para determinação dos limites do sítio (vista aproximada de norte).

Fig. 4 - Aspeto geral da escavação no centro da jazida, com a área B-F/20-21 em primeiro plano, durante a decapagem do topo do areão esbranquiçado (camada 4) que constitui a base da sequência sedimentar local. É visível a estratigrafia geral do sítio em corte (corresponde ao Corte C-F/19 da Fig. 1); o nível arqueológico está contido na camada inferior, mais escura e de topografia irregular, designada por camada 2.

indica que terá sido recolhido pelos ocupantes do sítio e aqui abandonado.

Embora a inventariação e estudo do talhe da pedra não tenha sido realizada¹, há algumas observações preliminares que poderão ser avançadas a seu respeito e que se poderão constituir como linhas de análise a adotar num futuro estudo da coleção:

- o material é composto maioritariamente (>90%) por sílex, principalmente de colorações amareladas, vermelhas e azuis-escuras, registando-se também algum quartzo, quartzito e jaspe (sujeito a confirmação);
- os núcleos e material de preparação apresentam-se em pequenas quantidades, ao invés do que se observa nas lascas e no material residual, padrão que parece indicar o transporte para o sítio de nódulos de sílex em curso de desbaste e/ou talhe e, depois, a exportação dos núcleos para outros locais antes do seu abandono definitivo;
- a utensilagem retocada é formada por numerosos utensílios de “fundo comum” e por armaduras sobre lamela ou resíduo de golpe de buril, cujo aproveitamento constitui um dos traços mais marcantes deste conjunto lítico;
- a elevada presença de armaduras microlíticas recolhidas durante as escavações obriga a renunciar a parte da argumentação expendida aquando do estudo dos materiais de superfície, de acordo com a qual se defendia uma idade epipaleolítica para o conjunto:

¹ O estudo do conjunto lítico chegou, entretanto, a constar do plano de uma tese de doutoramento sobre o Magdalenense do centro e sul português, submetido à Universidade do Algarve, mas que, por impossibilidades de ordem pessoal da candidata, acabou por não se realizar.

O principal argumento nesse sentido é a abundância e diversidade de pontas e armaduras registadas na generalidade dos contextos magdalenenses (...), tendência que não se verifica no espólio deste sítio (Carvalho, 1996, p. 122).

De facto, perante os dados de escavação, a Quinta da Bicuda deverá ser integrada no Paleolítico Superior, talvez em etapas tardias do Magdalenense.

A atribuição da Quinta da Bicuda ao Magdalenense — conclusão que deverá ser definitivamente comprovada através do estudo tecnológico e tipológico do seu conjunto em pedra lascada — é importante por constituir-se, deste modo, num elemento adicional para o entendimento, tanto da ocupação do território como das estratégias de exploração dos recursos líticos levadas a cabo pelos últimos grupos de caçadores-recoletores paleolíticos no setor mais meridional da Estremadura, área regional que conta ainda com pouca informação sobre esta fase da Pré-História. Com efeito, refira-se, a título de exemplo, que o único registo do Paleolítico Superior conhecido até ao momento no atual concelho de Cascais era constituído pelos artefactos solutrenses da Gruta do Poço Velho, aliás, ao que tudo indica (Zilhão, 1997), desprovidos de contexto arqueológico claro.

Agradecimentos

Os trabalhos de prospeção e de escavação referidos no presente texto contaram sempre com o apoio pessoal e institucional, respetivamente, do Dr. Guilherme Cardoso e do malogrado Dr. João Pedro Cabral, reconhecimento que me cumpre aqui expressar.

Bibliografia citada

- CARDOSO, Guilherme (1991) – *Carta arqueológica do concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal.
- CARVALHO, António Faustino (1996) – O sítio pré-histórico da Quinta da Bicuda (Torre, Cascais). *Arquivo de Cascais*. Cascais. 12, pp. 117–126.
- ZILHÃO, João (1997) – *O Paleolítico Superior da Estremadura portuguesa*. Lisboa: Colibri.